



Análise do Discurso do Livro SEX¹

Thales LUZ²

Neuza FARIAS³

Centro de Ensino Unificado de Teresina-CEUT

RESUMO:

A pesquisa apresentada sobre a obra *Sex*, de Madonna, tem como objetivo mostrar o a intenção da cantora de estimular o debate sobre a repressão sexual ao lançar um livro vendido como obra de arte e que fez de Madonna a artista feminina mais polêmica final do século XX. Para realizar esta pesquisa, apropriamo-nos da Análise do Discurso, mais especificamente na obra de Foucault e também nos seus estudos contidos no seu livro "A História da Sexualidade" para explicar a relação entre o sexo e o poder contido no livro que une linguagem verbal (contos) e não verbal (fotos). Compreendemos na análise da obra o discurso transgressor adotado por Madonna para perpetuar o seu poder como ídolo pop através de um assunto ainda considerado tabu na indústria cultural, abrindo caminho para uma nova geração de artistas femininas que surgiria no século XXI.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; Sexualidade; Madonna.

TEXTO DO TRABALHO

O trabalho em foco é resultado de uma análise do livro *SEX*, utilizado como suporte do polêmico álbum "Erotica", da cantora Madonna, lançado dois dias antes do lançamento do livro, em 21 de outubro de 1992. Tomamos como objetivo principal, com base na Análise do Discurso de linha francesa, compreender como e a quem se dirige o discurso do livro citado.

Graças à Análise do Discurso, percebemos o sujeito Dita Parlo, como o alter ego mais pervertido de Madonna, uma dominatrix que revela ao mundo seus sonhos eróticos e fetichistas os quais transitam entre o universo do sadomasoquismo, da homossexualidade, da zoofilia, da pedofilia e de outras formas de relações sexuais.

Contam ainda como sujeitos desse discurso a top model Naomi Campbell, o rapper Vanilla Ice, a atriz italiana e ícone da moda Isabella Rossellini, o modelo Tony Ward, o astro pornô Joey Stefano, o ator Udo Kier e a socialite Tatiana Von Fürstenberg, personagens importantes no mundo da música, da moda e da indústria pornográfica do início da década de 1990. Percebemos, também, como contexto no qual este livro circula não apenas a sociedade norte-americana, mas a sociedade macro, mundial, em que Madonna se firma como a artista pop mais famosa do mundo, rendendo à Warner bilhões de dólares na primeira década de sua carreira, e como a deusa do sexo para os seus fãs.

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

² Aluno do curso de Graduação em Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda, da faculdade Ceut-Teresina-Pi, email: thalescelt@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social do CEUT, email: neuzaarias@yahoo.com.br



Nessa sociedade pós-AIDS, Madonna passa a ter consciência da sua fama e do seu poder na indústria cultural e usa tudo isso para falar sobre um assunto, que devido à AIDS se torna cada vez mais constrangedor e perigoso: sexo.

Este estudo foi realizado com o objetivo ainda de reconhecer as diferentes vozes presentes no discurso do SEX, mediado pela Warner Books, uma editora de livros voltada para o mercado de massa e pela Callaway Editions, uma editora de livros de arte sofisticados que executa serviços sob encomenda, e com a qual ficou a responsabilidade de fazer todo o trabalho de produção de embalagem do livro.

As fotos do livro foram feitas por Steven Meisel, o foto-ensaísta formado na Parson School of Design, de Nova York, conhecido por abordar em suas fotos de moda temas perigosos e ousados, como a utilização de uma visão hiper-realista para mostrar a mulher de alta sociedade ou a forma glamorosa com que trata o tema do consumo de heroína.

A direção de arte está nas mãos de Fabien Baron, que tem seu trabalho caracterizado pela mistura de um gosto pela perfeição formal, um humor brincalhão e uma tipografia anárquica. A produção do livro conta, ainda, com o escritor Glenn O' Brien, um estudioso do universo pop nova-iorquino e colaborador da revista Interview.

De acordo com Bakhtin (2000), todo discurso é polifônico, isto é, permeado por diversas vozes, muitas das quais implícitas, cabendo ao analista do discurso descobrir quais vozes – ou sujeitos – estão presentes no discurso e quais os marcadores discursivos.

Com relação à heterogeneidade, entendemos que o discurso direto se mostra como os contos que revelam as fantasias eróticas já realizadas ou não por Dita, as cartas enviadas ao amante Johnny contando as experiências sexuais de Dita longe dele e as fotos em que Madonna, incorporando Dita, aparece vivenciando aventuras sexuais, indo das fotos mais simples de beijo até as fotos mais escandalosas de orgia e sado masoquismo.

Por outro lado, a heterogeneidade não marcada é percebida como o poder dado às mulheres, por Madonna, de expressarem a sua sexualidade numa sociedade machista, além da aceitação da homossexualidade, sempre condenada e cada vez mais criticada por a relacionarem à AIDS.

Logo no início do livro, Dita Parlo se apresenta como dominatrix e missionária do sexo. Ela se dirige ao leitor dizendo ser sua amante e ser capaz de mudar a sua vida como uma “flor venenosa”. Após o poema de abertura do livro no qual Dita se apresenta, segue-se uma página de cor preta, que representa a escuridão em que se encontram as nossas fantasias, com a frase “*I’ll teach you how to fuck*” (Eu vou te ensinar a foder) de cor branca e meio embaçada. A cor branca, por sua vez, representa a luz, sugerindo que as palavras de Dita sejam iluminadoras, e a impressão desfocada da frase se assemelha à nossa visão no momento do orgasmo.

Ultrapassada a apresentação da missionária do sexo, mergulhamos diretamente em um ambiente *gay*. Em uma das fotos, conforme exposto em seguida, Madonna está amarrada a uma cadeira e é rodeada por duas lésbicas com um estilo bem masculino de *topless*, cheias de tatuagens e *piercings*. Uma delas aponta um canivete para sua garganta enquanto a outra chupa o bico dos seus seios. Na foto seguinte, Madonna está em pé com um bidê entre as pernas, usando um biquíni-fetice de couro preto, botas de PVC até os joelhos e com a maquiagem e o cabelo super-produzidos, segurando a cabeça de uma mulher, fazendo referência a cunilíngua.



Madonna com um biquíni-fetich, botas de PVC e com a maquiagem e o cabelo super-produzidos, segurando a cabeça de uma mulher, fazendo referência a cunilíngua.

De imediato, percebemos o quanto Madonna controla cuidadosamente a sua própria imagem ao vestir roupas caras de estilistas famosos, enquanto as lésbicas vestem calças jeans desbotadas. Isso mostra a evidente relação de poder projetada por ela. Como escreveu Foucault, no livro *A História da Sexualidade*: “a sexualidade está presa a ferramentas de poder. Ela tem sido relacionada desde o princípio a uma intensificação do corpo, à exploração do corpo como um objeto de conhecimento e como um elemento nas relações de poder” (1976, p.100).

Essa evidência de relação de poder se intensifica no ensaio fotográfico seguinte, em que Madonna se encontra no clube *underground* de Nova York, *The Vault*, com um grupo de sadomasoquistas praticando esse estilo de relação sexual, famoso por ser uma das marcas dessa fase da carreira da cantora, e aparece também amarrada sobre uma cruz. Ela faz uma conexão entre o sadomasoquismo e a autopunição imposta pela religião com um tom dramático e de auto-humilhação. Nos textos que cercam essas fotos, o poder e a submissão são discutidos a partir da definição da dor. A dor, segundo Dita, na frase “*Only the one that hurts you can comfort you*” (Apenas aquele que te machuca pode te trazer conforto), é o principal meio de se obter o prazer.

Uma das fotos mais chocantes desse ensaio é a da cena de estupro numa quadra de esportes. Madonna parece estar sorrindo enquanto os dois homens a despem

forçadamente. Essa foto seria a representação mais extrema das mulheres que estão envolvidas conscientemente em um relacionamento abusivo e insistem nele por estarem, na realidade, buscando essa sensação de abuso sexual. Esse lado sombrio do livro, com fotos tiradas em porões, armazéns, bares subterrâneos mostram uma América marginal e oculta.

A heterogeneidade marcada, o discurso visível na materialidade linguística, continua se revelando na forma como Madonna explora todos os tabus: sexo com garotinhos, como sugere a frase “Sexo com pessoas mais novas pode ser divertido”; homens mais velhos; homens *gays* beijando-se no famoso teatro Gaiety, em Nova York; sem falar no sanduíche sexual de celebridades com o *rapper* Big Daddy Kane e a modelo Naomi Campbell e nas fotos com o, até então, namorado da cantora, o *rapper* Vanilla Ice.

De forma inteligente e gloriosa, diversas imagens de masturbação estão presentes ao longo do livro envolvidos com mensagens como “*My pussy has nine lives*” (minha vagina tem nove vidas) e com o texto “*I like my pussy*” (Eu gosto da minha vagina). Há uma foto de Madonna em cima de um espelho no chão, com as mãos dentro da calcinha, olhando o próprio reflexo; uma outra em que se acha jogada em um sofá, fumando; e mais outra em que ela está abaixando o *short jeans* desbotado e se tocando por trás.

Essas fotos foram feitas em quartos sujos e simples com quase nenhum ornamento. Elas indicam as fotos mais eróticas do livro, em que Madonna, encarnando Dita Parlo, captura o mundo íntimo e caloroso do desejo feminino. Não se trata de pornografia estereotipada, feita sob um olhar masculino, em que as modelos encenam a expressão de quem está prestes a gozar. Em vez disso, na sequência de fotos de masturbação, ela direciona seu olhar para longe da câmera fotográfica, mostrando-se perdida no seu próprio prazer.

A temática do sexo lésbico aparece novamente no livro, desta vez como o “lesbianismo de batom”, ou seja, glamoroso, belo e com celebridades. Ao lado de Ingrid Casares, de Iabella Rossellini e de Tatiana Von Fürstenberg, as fotos fazem referência ao romance lésbico *Patience and Sarah*. Madonna adota um olhar suave, sugerindo que essa fosse a sua verdadeira identidade.

Fragmentos textuais do livro mostram um conhecimento íntimo de Madonna/ Dita sobre o sexo lésbico: “quando ela goza, ela grita como as gaivotas que voam ao nosso redor; seu corpo estremece consecutivamente e eu bebo cada gota do seu doce néctar”. A cantora pop, nesse momento, estava expressando de forma mais clara o mundo no qual sua imagem artística foi criada, isto é, o universo homossexual. Por muito tempo, Madonna esteve relacionada ao mundo homossexual masculino, como mostram as fotos com o astro pornô *gay* Joey Stefano, e o texto no qual diz ter trabalhado em clubes *gays* antes da fama, quando foi morar em Nova York, além de dizer que os homens *gays* são mais bonitos e interessantes do que os homens heterossexuais.

Tendo conhecimento sobre isso, a visibilidade dada às lésbicas na cultura pop seria uma atitude tomada por ela em mais ou menos tempo. No início da década de 1990, o nome de Madonna estava ligado ao nome de muitas mulheres como a atriz Sandra Bernhard, a dona de boates Ingrid Casares e a modelo Shimiuzu. Naquela época, a cultura lésbica estava passando por mudanças bruscas. Elas estavam começando a ser vistas como glamorosas e divertidas, por isso Madonna captou essa onda de forma eficiente, desempenhando um papel importante ao chocar o mundo do entretenimento com essa história de “*lesbian chic*”, mostrada nas fotos do seu livro.

No final do livro, Madonna abandona a linha erótica, cuidadosamente administrada por ela, à imagem da deusa Brigitte Bardot, demonstrando a liberdade sexual, e começa a aparecer de forma embrutecida, com o cabelo quebradiço e a maquiagem borrada, transitando em direção a um estilo de pornografia leve. As últimas fotos foram tiradas



em Miami, onde Madonna aparece totalmente despida, no meio da rua pedindo carona e bancando a exibicionista ao comer, nua, no balcão de uma pizzaria, enquanto todos os outros frequentadores do restaurante estão vestidos.

Dita Parlo encerra o livro *Sex* provocando o leitor com a frase “*A lot of people are afraid to say what they want. That’s why they don’t get what they want*” (Muitas pessoas têm medo de dizer o que querem. Isso porque elas não conseguem ter o que elas querem). Ao contrário do contexto atual, em que o entretenimento em geral se volta para o sexo de uma forma mais explícita, principalmente no mundo da publicidade, a sociedade do início dos anos 90 era bem mais moralista. Todo o erotismo mostrado por Madonna no papel de Dita faz parte da intimidade de todo mundo, mas muitas delas têm medo de expor suas fantasias sexuais porque sabem que não vão realizá-las e a causa disso são o moralismo e a repressão que cada um proporciona a si mesmo.

A grande mensagem transmitida pelo discurso de *Sex* é dar poder a essas pessoas que não têm vergonha de expor a sua sexualidade, especialmente as mulheres, partindo da ideia de uma sociedade machista, sexista e homofóbica.

Segundo Madonna, a repressão sexual é a causa desse mau comportamento, já que o sexo é tabu porque o mundo ocidental mantém uma longa tradição de silenciar tal assunto. Foucault (1976), entretanto, argumenta que o comportamento sexual no mundo ocidental, longe de ser desprezado, é constantemente monitorado e tema recorrente de pregação. O comportamento sexual, para ele, é parte de uma sociedade – a ocidental – que fala sobre o próprio silêncio, sendo então Madonna um desses casos.

Em se tratando da análise, vale ressaltar que o livro é voltado ao público adulto, fãs e colecionadores, uma vez que ele foi vendido como obra de arte em edição limitada e, atualmente, algumas cópias são encontradas em leilões com lances mínimos que podem chegar a 500 dólares. *Sex* foi o primeiro projeto da Maverik, uma empresa criada por Madonna conectada à Warner, por isso o processo no qual a produção do livro estava envolvida exigia algo marcante.

O livro, juntamente com o *single* *Erotica*, vinham dentro de uma bolsa Mylar lacrada, feita de fino poliéster, fazendo referência às embalagens de camisinha. Madonna exigia que o livro fosse lacrado, algo que fosse necessário violar para poder apreciar. O material do livro representa a ideia de poder ligada ao sexo, explorado por Madonna. Ela falava sobre suavidade e violência e isso estava refletido em *Sex* na capa dura de metal e no papel macio e fosco da parte de dentro. Por fora rude e por dentro gentil.

As fotos não selecionadas para a composição do livro foram utilizadas no encarte do álbum *Erotica*, lançado dois dias antes do livro, que aborda o mesmo tema sexual de *Sex*.

No que diz respeito às filmagens feitas na execução dos ensaios fotográficos, realizados em Los Angeles, Nova York e Miami, estas tiveram grande valor para a produção do clipe da música *Erótica*.

Levando em consideração o fato de a *Análise do Discurso* ser a prática de reflexões sobre as construções ideológicas presentes em um texto e o livro ser um produto intelectual que encerra conhecimentos e expressões individuais ou coletivas, compreendemos que o livro em estudo revela-se como ideológico a partir da intenção de liberdade de expressão sexual e artística na qual a imagem de Madonna está inserida. A preferência sexual da cantora já havia sido muito questionada desde antes da publicação de *SEX*, no entanto o que esse trabalho expõe é uma bissexualidade direta e sensual.

A ideologia contida no livro *Sex* também pode ser revelada a partir do outro lado do sonho hollywoodiano. Inúmeros aspirantes a atores decidem ir para Los Angeles tendo em mente o estrelato, mas acabam tendo que aceitar fazer parte do elenco de filmes



pornôs marginalizados. Tomando por base a valorização dos atributos sexuais de ícones femininos, Hollywood desenvolve uma forma elaborada de prostituição.

Ao repararmos no ano em que o livro foi produzido, percebemos que há uma proximidade cronológica entre esse acontecimento e a descoberta da AIDS. Em 1992, o sexo era um tabu, não apenas pela questão do sexismo, mas pelo fato de o sexo ser a forma mais comum de contágio do vírus HIV. Isso contribuiu para que especulações fossem feitas sobre Madonna ser ou não portadora de tal doença.

Observando sob o ponto de vista comercial, *Sex*, além de tudo, foi a forma mais ousada utilizada por Madonna para se auto-promover, explorando um outro lado do seu perfil camaleônico, oferecendo ao mundo do *showbiz* um novo estilo de artista pop feminina que surgiria no século XXI: a artista que expõe o seu próprio sexo.

REFERÊNCIAS

O'BRIEN, Lucy. **Madonna 50 Anos**. Trad.: Inês Cardoso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A história da Sexualidade I: a vontade de saber**. 16 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

<http://www.madonnaonline.virgula.uol.com.br>